



ENTREVISTA CEDIDA PELO DR. RUSSEL P. SHEDD, EM ABRIL DE 2016, AO PROFESSOR LUCIANO ALVES.

Introdução

Russell Phillip Shedd nasceu aos 10 de novembro de 1929, na pequena cidade de Aiquile, na Bolívia; filho de missionários atuantes naquele país. Shedd participou de uma escola especializada, criada para atender filhos de missionários, em Cochabamba, na Bolívia. E, uma vez terminado o ensino primário, aos 13 anos, foi enviado para a Westervelt Home, em Batesburg, Carolina do Sul, uma espécie de internato para filhos de missionários nos Estados Unidos. Ele diz que essa foi a fase mais difícil da sua adolescência. O lugar era administrado por religiosos de modo muito rígido; os adolescentes eram privados de quaisquer resquícios de fartura. Russel disse: “sentíamos fome o tempo todo¹”, uma vez que comiam apenas as calorias necessárias para não adoecer. Depois dessa experiência, como se destacava com excelência nos estudos, aos 15 anos foi para Chicago, onde completou o colegial (algo correspondente ao Ensino Médio). Aos 16 anos ingressou em Wheaton College, formando-se Bacharel em Humanidades, com ênfase em Bíblia e Grego. Na mesma instituição, ao continuar seus estudos, tornou-se Mestre em Novo Testamento. Ainda, se bacharelou em teologia, aos 23 anos de idade, pelo Faith Theological Seminary, ano em que ingressou no programa de doutorado na Universidade de Edimburgo (Escócia). Russell

Shedd tornou-se doutor em filosofia, aos 25 anos de idade. Foi professor do Southeaster Bible College, onde conheceu Patrícia, e se casaram em 22 de junho de 1957. Seu casamento durou 60 anos, somente a morte os separou. Dessa união, nasceram cinco filhos: Timothy, Nathanael, Peter, Ellen e Joy, todos casados e com filhos, de modo que tiveram 14 netos. Russell e Patrícia Shedd chegaram ao Brasil em 1962, e aqui permaneceram e foram sepultados. Russell Shedd faleceu em 23 de novembro de 2016; Dona Patrícia, um ano depois. Esta entrevista foi cedida na casa dos Shedd, em 26 de agosto de 2016, quando Dr. Russell já apresentava sinais de agravamento da sua enfermidade.

Entrevista

LA² – Comente sobre onde o senhor nasceu e quem foram seus pais.

RS³ – Eu nasci numa pequena cidade da Bolívia, chamada de Aiquile⁴. Meu pai se chamava Leslie Martin Shedd e a minha mãe chamava-se Della Johnston Shedd. Eram missionários na Bolívia. Meu pai, no começo do seu ministério, fazia suas

1 Russel e Patrícia: Jubileu e Bodas e Ouro. Jornalista responsável: Evelin Fomin. Pesquisa: Helen Shedd Bezerra. 2ª edição. São Paulo: Editora Essência, Vida Nova: 2000, p. 3.

2 Luciano Alves. O entrevistador é pastor da IBEC – Igreja Bíblica Evangélica da Comunhão em São Paulo e professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

3 Russell Shedd

4 Aiquile é uma cidade distante cerca de 200Km a Sudeste de Cochabamba, capital da Bolívia.

atividades a cavalo, depois trocou por uma bicicleta e, mais tarde, adquiriu uma pequena caminhonete, que durou até o final do ministério. Eles sempre atuaram na Bolívia.

LA – Pelo fato de ser filho de missionários, o senhor entende que os filhos de missionários têm de ser missionários?

RS – Eu não diria que têm de ser missionários, mas vejo vantagens em ser filho de missionários. Algumas vantagens seriam a língua, a cultura, entendimentos sobre o local onde se vive etc. A pessoa não sente tanto problema de adaptação com as diferenças de uma cultura para a outra. Por exemplo, como fui criado durante a infância na Bolívia, me adaptei com muita facilidade em Portugal e, depois, aqui no Brasil.

LA – Onde o senhor conheceu sua esposa, a Dona Patrícia?

RS – Bem, faremos 60 anos de casados em junho deste ano (2016). Patrícia foi minha aluna. Eu terminei o doutorado em Edimburgo (Escócia), onde estudei entre os anos de 1953 e 1955; assim, quando retornei aos EUA, recebi um convite para lecionar no Southeastern Bible College⁵, em Birmingham, no Alabama. Patrícia já estava no terceiro ano do curso e começamos a ter contato. Começamos a namorar, e, assim que ela terminou o curso, eu me tornei pastor em New Jersey; depois, no casamos, em 1956.

LA – Dessa relação, nasceram quantos filhos?

RS – Nasceram cinco filhos: Nathanael, Timotheo, Peter, Ellen e Joy. Todos casados, todos com filhos. De modo que hoje temos 14 netos.

LA – O senhor teve de administrar muitos conflitos no início do seu ministério?

RS – Eu comecei a pastorear em tempo integral na igreja Batista HyghWood, em New Jersey, em 1956, e fiquei por lá até 1957, interinamente. Eu comecei a notar uma coisa, que talvez fosse uma cilada do diabo. O meu nome começou a ser mencionado para que eu assumisse a igreja como pastor principal. Mas, eu estava lá apenas interinamente. Assim, isso estava criando uma divisão entre os irmãos, e, quando percebi isso, saí imediatamente daquela igreja.

LA – O senhor teve de administrar outros conflitos em relação ao ministério?

RS – Bem, tive uma experiência assim com a Patrícia, minha esposa. Porque, depois que cheguei ao Brasil, em 1962, estabelecemos aqui a Edições Vida Nova; participei de movimentos, como Geração '79 e, com isso, portas foram se abrindo. Fui convidado para ministrar aulas na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e passei a viajar muito para pregar. Ela, então, me pediu que eu mantivesse a minha palavra de que, quando me tornasse mais velho, eu deveria ficar mais em casa, viajando o mínimo possível. Mas, aconteceu o contrário, porque passei a viajar mais, depois de certa idade. E eu tive de lhe pedir perdão. Então ela teve uma experiência importante com Deus. Ele a advertiu de que eu estava fazendo a Sua obra e ela não poderia se opor. Então, entendeu que fazia parte do meu chamado, e assim, enquanto eu saía para pregar, ela orava por mim.

LA – É fundamental a mulher entender o ministério do marido, não é mesmo?

RS – Muito importante isso. A mulher não deve barrar ou tentar inibir de qualquer forma o ministério que Deus concedeu ao seu marido.

⁵ Southeastern Bible College foi fundado em 1935 por Edgard J. Rowe, com objetivo de instruir leigos batistas conservadores e presbiterianos fundamentalistas. A instituição funcionou até 2017; por conta da escassez de recursos, não pôde dar prosseguimento às suas atividades.

LA - Qual é o papel da instituição na manutenção do missionário e como isso pode ajudar ou dificultar no desempenho da obra de missões?

RS – A instituição foi muito importante para mim, por exemplo, porque isso me colocou em comunhão com colegas bem preparados para o ministério, que tinham a mesma visão que eu, começando em Portugal, para o ensino teológico, e, quando chegamos ao Brasil, também, a mesma coisa.

LA – De tudo o que senhor fez enquanto missionário, qual a experiência mais marcante?

RS – Eu acho que a experiência mais marcante foi participar do evento chamado de Geração 79, aqui em São Paulo. Um evento que reuniu 4000 mil jovens e cerca de 700 pastores. Tive a responsabilidade de, a cada manhã, trazer uma palavra devocional. Primeiramente, me senti muito pequeno para um evento tão importante como aquele, onde estavam presentes nomes como Billy Graham, Luis Palau e vários outros renomados pregadores. Mas, Deus, através desse evento, me colocou em contato com muita gente. A partir disso é que tive acesso a muitas partes do Brasil. Foi um marco. E percebi também que poderia ministrar em outras denominações, que não apenas entre os batistas. Durante 30 anos, lecionei na Faculdade Teológica Batista de SP, o que era o meu trabalho principal; tinha as minhas atividades nas Edições Vida Nova, e além disso também tive acesso a outros grupos no Brasil.

LA – O senhor entende que a conversão depende tanto da racionalidade quanto da fé ou esses elementos, não necessariamente, se encontram nessa experiência?

RS – Eu entendo que a fé não pode ser irracional, não pode ser uma coisa que contradiga toda a experiência humana. Ao contrário, eu vejo que a racionalidade humana está conectada com a experiência de fé, pois é a maneira como experimentamos a vida, o mundo e temos contato com a história da salvação - que o Deus invisível enviou Seu filho Jesus, que virou gente, habitou entre nós, foi morto numa cruz, ressuscitou ao terceiro dia. Creio firmemente que Ele, de fato,

ressuscitou. Tudo isso é fundamental para a gente chegar à conclusão: Eu sou cristão, mesmo! Então, quem crer nele tem vida, isso mostra racionalidade, sentido. São ideias concatenadas. É algo que dá para entender perfeitamente. Assim, as duas coisas estão nessa experiência, se encaixam, se juntam.

LA – Atualmente, parece haver uma diminuição de candidatos ao ministério pastoral no Brasil. A que pode ser atribuída essa ausência?

RS – Eu não sei se o número de candidatos tem diminuído tanto no Brasil. Eu vejo que algumas escolas têm diminuído o número de alunos, mas outras vêm progredindo de modo importante. O que eu creio é que, certamente, não faltará obreiros para o ministério. É importante salientar que há várias maneiras de se preparar um jovem para ministrar a Palavra. Ainda que alguns sejam preparados de maneira mais simples e outros são melhores preparados para situações mais exigentes, em ambos os casos, candidatos estão sendo preparados para o ministério.

LA – Qual o conselho o senhor daria para alguém que se sente vocacionado para o ministério?

RS – Eu diria que deveria se matricular numa boa escola, que ensina a Palavra. Uma escola onde a Bíblia é crida e pregada, onde essa pessoa aprenderá a expor a Palavra. Um seminário que, realmente, ensina as línguas originais e que valoriza o sentido do texto, para que a pessoa não pregue suas ideias e sim a Palavra de Deus.

LA - Como é possível conciliar a vida acadêmica (muita gente que vai para a academia esfria na fé) e a manutenção da fé?

RS – Depende muito de que academia. Se o aluno for para uma escola onde Cristo é honrado, sendo a prioridade ali, onde se ora bastante, o resultado por ser o contrário. Mas, claro, numa escola, por exemplo na Alemanha, onde em muitas instituições o liberalismo combate a fé cristã, fica muito evidente essa realidade. Eu tive o privilégio de ouvir Rudolf Bultmann e um dos colegas de turma

perguntou-lhe se cria na ressurreição de Jesus, ao que respondeu que sim; mas com a pergunta mais incisiva de um aluno: se cria mesmo que o corpo de Jesus havia ressuscitado dos mortos, Bultmann respondeu que não cria dessa maneira, mas como uma experiência particular de cada um. Então, muito desse liberalismo leva a uma destruição da base histórica da fé cristã. Vai para especulação, entre a criação e a fé surgindo apenas no pensamento das pessoas. Paul Tilich também veio falar na universidade e nos disse que não era necessário evangelizar, afinal de contas, Deus já sabia como somos.

LA – Doseu pontode vista, o que mais contribuiu para a evangelização moderna: foram os avivamentos do século XVIII, com os Wesley, Whitefield; toda onda de ações missionárias a partir do século XIX, com Adoniram Judson, William Carey, Charles Studd etc. ou o advento do pentecostalismo em Los Angeles, dos inícios do século XX?

RS – Eu não sei qual seria o mais importante, mas uma coisa é óbvia, que o surgimento do pentecostalismo tem evoluído, se espalhado e se desdobrado em movimentos carismáticos assustadoramente, alcançando milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo. Por outro lado, por detrás desses movimentos pentecostais há influências desses outros citados anteriormente. John Wesley, por exemplo, está por detrás de muitos movimentos carismáticos. Na linha calvinista, o responsável pelos avivamentos foi Jonathan Edwards. E ainda outros parecidos com esses. Sendo assim, é difícil saber, porque Deus tem seus planos de como Ele vai realizar as coisas para a Sua glória.

LA – Ainda falando sobre carismáticos, há os que defendem que essas manifestações (línguas, curas, sinais etc) são coisas do passado. Do seu ponto de vista, esta é uma interpretação correta das Escrituras?

RS – Eu acredito nos dons, em suas manifestações contemporâneas. Penso que depende muito da fé, de oração. Os que não creem, assim entendem porque nunca tiveram uma experiência.

LA – O senhor, particularmente, já teve experiências carismáticas?

RS – Já tive algumas. Poucas, mas já tive experiências assim.

LA – Como é possível evangelizar um povo ágrafo (sem escrita), uma vez que a fé cristã é pautada num livro?

RS – Eu acredito que os missionários que são chamados para essa tarefa, de evangelizar esses povos que nunca tiveram contato algum com escrita e nada sabem a respeito da fé, têm de conviver no meio desse povo, aprender sua língua, compreender muito bem sua cultura, e a partir disso começar a contextualizar a mensagem do Novo Testamento para aquela cultura. Foi exatamente isso que fez Ronaldo Lidório⁶.

LA – No Brasil, existe um estímulo para que os cristãos vivam bem, prosperem, tenham uma vida confortável, fazendo o que todos fazem, sem cometer excessos, e estes esperam morar no céu. Na prática, o que seria um cristão autêntico?

RS – Temos de separar claramente o moralismo de uma vida cristã autêntica. Isso é muito comum nos Estados Unidos, onde os bisavós e avós deixaram um legado, mas os filhos não se converteram de fato, então, vivem uma vida sem excessos, moderados, mas sem a experiência de conversão. A vida autêntica cristã diz respeito a um relacionamento com Deus por meio de Jesus Cristo. Uma vida de oração, de comunhão com Deus, em que a pessoa é dirigida pelo Espírito, como diz Paulo em Romanos 8.14, 15 (Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o Espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai.).

⁶ Nos anos 1990, Ronaldo Lidório e Rossana, sua esposa, foram missionários entre os Konkombas, de Gana. Tribo ágrafa que, por meio da atuação deles, foi ensinada a ler e escrever, através de uma tradução bíblica feita pelo missionário. <https://pt.scribd.com/document/849415059/Konkombas>

LA – O senhor se tornou doutor aos 25 anos, constituiu família, é missionário, estabeleceu no Brasil uma das mais importantes editoras cristãs, a primeira para atender estudantes de teologia; fundou igrejas, foi professor de seminários, viajou a diversos países do mundo, é muito atuante. Enfim, com toda sua experiência, o senhor entende que, se a energia permitisse, faltaria algo ainda para fazer?

RS – Claro! Eu continuo pensando que ainda haverá oportunidades de viajar, falar em igrejas e escrever mais um pouco. Mas eu não sei se Deus tem esses planos. Com o surgimento desse câncer de próstata, que cresceu rapidamente, isso me chamou a atenção, e passei a entender que meu tempo por aqui está limitado. Mas, Deus sabe, eu não sei.

LA – Qual seria a pessoa mais responsável por sua chegada até aqui, com mais de 50 anos de ministério, no Brasil?

RS – Algumas pessoas. Primeiramente, meus pais, que nos legaram a visão da importância de fazer missões, despertando em nós a alegria de servir ao Senhor numa cultura diferente da sua cultura original. Outro nome é, certamente, o de Arthur Brown, pouco conhecido aqui no Brasil. Na realidade, é um dos responsáveis pela Edições Vida Nova que, inicialmente, foi plantada em Portugal, mas que não teve muito sucesso por lá. Ele passou a responsabilidade de estabelecer a editora aqui no Brasil para nossas mãos. E aqui ela prosperou, cresceu.

LA – Pastor, como o senhor espera ser lembrado?

RS – Lembrado? Como um velhinho, que não quis ir embora, sendo muito bem tratado no Brasil. Aqui, eu e Patrícia nos sentimos em casa. Ellen, nossa filha, que se casou com brasileiro, Edmilson, nos disse que cuidaria de nós. E estamos aqui, até quando Deus quiser.

PERGUNTAS REALIZADAS POR ALGUNS LÍDERES E PASTORES.

Benedito Sérgio Lourenço⁷ – Que conselho o senhor daria a pastores que já têm certa idade para continuarem se sentindo úteis no ministério?

RS – Penso que há dois tipos de ministério que me parecem úteis. O primeiro seria ministério de aconselhamento. O pastor mais experiente poderia ajudar os que passam problemas. Sua experiência seria muito útil nesse particular. Outro ministério seria vida de oração. E claro, poderá exercer seu ministério da pregação da palavra, de pastoreio, enquanto tiver saúde e lucidez. Porque, um outro problema é que muitos pastores não sabem a hora de parar. E a igreja fica sofrendo com essa situação.

Benedito Sérgio Lourenço – O senhor conhece a realidade dos evangélicos nos EUA, e as igrejas têm sofrido certo declínio em relação à fé. O senhor entende que a igreja brasileira corre o mesmo risco, porque imita os americanos em muitos aspectos?

RS – Sim, corre riscos. Pois, os riscos pioram quando a igreja tende a melhorar academicamente, deixando a simplicidade do evangelho. Temos os exemplos de Harvard, Yale, Wanderbuilt e outras. Começaram como universidade para treinar pastores e líderes no desempenho ministerial e acabaram por perder a fé, por tentar melhorar academicamente.

Darcy Sborowski⁸ – Que conselho o senhor daria aos pastores para se sentir satisfeitos em seus pastoreios e ministérios?

RS – O ministério é uma manifestação do dom de ministrar. Estou tentando escrever um pouco sobre isso. Assim, se o pastor tem dom de ministrar, ele ficará satisfeito; se não tem, será como alguém nadando contra a maré. Mas, se se sente levado pela correnteza, gosta de estudar, expor a Palavra, aconselhar pessoas na vida cristã, isso não lhe será

⁷ Benedito Sérgio Lourenço, pastor sênior da Igreja Bíblica Evangélica da Comunhão em São Paulo. @ibec_comunhão

⁸ Darcy Sborowski é pastor sênior da Igreja Batista da Vila Mariana em São Paulo, @ibvmoficial

um peso, antes, sentirá muito prazer em realizar a obra.

Darcy Sborowski – O que é importante ou essencial para que o ministério do pastor seja efetivamente usado por Deus, para o bem da igreja local?

RS – Penso que deve ter uma vida de comunhão com Deus, de oração, de ser dirigido pelo Espírito, de estudo da Palavra e de ser um evangelista, que ama as pessoas perdidas e quer trazê-las ao evangelho.

Ricardo Bitum⁹ – Se o senhor tivesse a oportunidade de se despedir da Igreja Brasileira em uma frase, qual seria essa frase?

RS – Talvez seria: Esta vida vai acabar, tudo o que não foi feito para a glória de Deus vai desaparecer, portanto, cuidado!

Ricardo Bitum - Se pudesse recomendar seu ministério, qual seria a experiência que o irmão não repetiria?

RS – É uma pergunta complicada. Mas, certamente, eu tentaria pecar menos.

Ricardo Bitum – Existe alguma experiência especial que marcou a sua vida (além da já citada pelo senhor, que foi participar do evento Geração 79) ?

RS – Certamente, foi o convite para lecionar Novo Testamento na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. A partir disso, fizemos muitas amizades importantes e permanentes, aqui no Brasil. Com isso, senti também que Deus havia me preparado para exercer esse ministério, mais do que outros. E me sentia muito feliz!

Paulo Romeiro¹⁰ – Qual o maior desafio para a Igreja Brasileira atualmente?

RS – O maior desafio é manter-se firme na fé de que a Bíblia é a Palavra de Deus, não apenas a contém. Portanto, tem autoridade máxima e superior a qualquer outra autoridade.

Paulo Romeiro – Quais foram suas maiores dificuldades no início do seu ministério?

RS – A maior dificuldade é essa luta entre a carne e o espírito. No início do ministério, pensando no meu primeiro ano de ministério, antes de me casar, me ocupava em preparar os sermões e cuidar das coisas da igreja, mas também recebíamos convites para jantar na casa de irmãos e, às vezes, ficávamos tentados a negligenciar o ministério, diante da tentação que era aceitar aqueles banquetes, que nos ofereciam. E, além disso, também, corríamos o risco de dar mais atenção aos irmãos que ofereciam aqueles jantares do que aos demais membros da igreja.

Paulo Romeiro – Por que quanto mais aumenta o número de evangélicos no Brasil parece que a nação piora?

RS – Isso é de se esperar. O império Romano não ficou melhor por causa da igreja, antes, piorou, até a queda do império, no século V. Eu não concordo com a ideia de que quanto mais aumenta o número do evangélicos melhor fica o país. Porque, com o tempo, ficará mais claro quem é cristão de verdade e quem não é. Muitos são apenas nominais e vivem como não cristãos, embora se declarem evangélicos.

Lourenço Stelio Rega¹¹ – Quais são as diferenças do cenário evangélico brasileiro entre aquele que o senhor encontrou quando chegou ao Brasil e o da atualidade?

RS – O que me lembro era que, na cabeça das pessoas, havia uma clara divisão entre carismáticos

9 Ricardo Bitum é pastor sênior da Igreja Manaim, @igrejamanaim

10 Paulo Romeiro é pastor sênior da igreja Cristã da Trindade - @ictrindadesp

11 Lourenço Stelio Rega é pastor e conferencista, à época da entrevista, era também diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo - @lourencosteliorega – Lourenço Rega, à época da entrevista, agradeceu o fato de o Dr. Russell Shedd ter sido um professor da FTBSP por trinta anos.

e históricos. As pessoas não se misturavam. Havia, inclusive, suspeita sobre a conversão da ala dos conservadores. Hoje, já não existe esse problema. Muitas igrejas sofreram com essas divisões: batistas, presbiterianos, metodistas; isso aconteceu em meados dos anos 1960. A atitude hoje é muito diferente. Com o tempo, os crentes foram percebendo que serviam ao mesmo Senhor e Salvador. Isso foi atenuando essas diferenças.

Lourenço Stelio Rega – No cenário atual do Brasil – político, econômico, social – qual deverá ser a atuação profética da igreja, além da pregação da salvação e atuação missionária?

RS – Eu não sei se existe outro ministério profético para a igreja. Entendo que não somos chamados para criticar o que está errado no governo, na política e tudo mais. Nós estamos aqui para pregar para aqueles que estão sendo tocados pelo Espírito Santo, que há perdão, que precisam se santificar e colocar Deus em primeiro lugar na sua vida. Sendo assim, teremos um país mais honesto e será mais notório o poder do Evangelho. Fora disso, não tenho muito a dizer. Eu não vejo o mundo escutando a igreja e mudando por causa disso.

Lourenço Stelio Rega – Olhando para sua história de vida e ministério no Brasil, o que o irmão faria diferente?

RS – Difícil responder, pois não sei quais oportunidades eu teria. Por exemplo, só comecei a escrever em 1976 a pedido da ABU, e de uns tempos para cá eu tenho tido muitas oportunidades de escrever. Então, sou muito grato a Deus porque não tinha ideia de fazer isso, mas fui desafiado pela ABU a fazê-lo. Se eu tivesse despertado para isso anteriormente, teria feito coisas diferentes em relação à própria publicação da Bíblia Vida Nova, por exemplo. Mas, a gente vai aprendendo.

LA – Aproveitando, fale um pouco sobre a história da Bíblia Vida Nova.

RS – A ideia seria lançar, naquele ano (1963), uma Bíblia de estudos para obreiros, aqui no Brasil.

A Sociedade Bíblica do Brasil nos emprestou as placas (filmes) da Edição Revista e Atualizada, e em nosso projeto a Bíblia sairia em três anos. Eu já conhecia a Bíblia Thompson, com suas margens comentadas e seu índice de assuntos. Entramos em contato com os editores para que nos permitissem usar esses recursos, e conseguimos. Mas, tudo o que poderia dar errado, deu. Especialmente, no que referia à importação do papel. Pois, ao invés de contratarmos uma empresa que tivesse essa expertise, nos aventuramos a fazer por conta, pensando na economia. Enfim, o papel ficou preso no porto por 14 anos e depois foi vendido. E tivemos de enviar o material que tínhamos para os Estados Unidos e a Bíblia Vida Nova foi impressa por lá. Assim, acabamos por importar as Bíblias, com a vantagem de que não se pagavam impostos nesse tipo de importação.

LA – Esses atrasos também contribuíram para a permanência do pastor aqui no Brasil?

RS – Sem dúvida alguma. Deus estava no controle de tudo o que aconteceu.

Ziel Machado¹² – Em meio a tantas oportunidades, distrações e demandas, o que o ajuda a manter e discernir o foco?

RS – Não sei bem responder uma pergunta como essa. A não ser quando me lembro daquilo que os pais inculcam na mente de seus filhos de que, o que mais importa é a vida futura, a vida com Deus, tanto aqui, nesta terra, como no céu. Isso é o mais importante. Não é ganhar dinheiro, ter algum tipo de progresso, ser famoso, nada disso. Então, penso que são os pais os principais responsáveis por isso. No meu caso, especialmente, todos da minha casa, de alguma maneira, estiveram envolvidos com missões por conta da influência dos nossos pais.

12 Ziel Machado é pastor sênior da Igreja Metodista Livre do Bairro da Saúde em São Paulo - @imelsaude

Ziel Machado – Quais seriam os maiores desafios, oportunidades e perigos para a Igreja Brasileira nos próximos 10 anos?

RS – O maior desafio é pregar a Palavra, expor a Palavra, como padrão de vida para nós. As oportunidades são completas, porque escolhemos como ensinar (EBD, Pregação, Rádio, TV, Internet etc.). Os perigosos, em todos os casos, é quando as opiniões do pastor valem mais do que a própria Bíblia. Nesse caso, vai-se estabelecendo algumas ideias que a Bíblia não sustenta claramente e o resultado é a igreja desviando-se da Verdade. Temos alguns casos no Brasil bem conhecidos e nunca gostaríamos de ver a igreja brasileira se desviando. Como, por exemplo, a França, que um dia já teve uma população de 40% de evangélicos e atualmente conta com apenas 0,5%.

Ziel – Atualmente, quais os maiores desafios para a educação teológica brasileira?

RS – Inserir na cabeça dos alunos amor à Palavra, conhecer as línguas originais e enfatizar a pregação bíblica, como fazem (ou fizeram), por exemplo, John Piper, Martin Lloyd-Jones e outros.

Ziel Machado – O irmão vê algum risco, para o testemunho cristão, do qual a Igreja Brasileira não está consciente?

RS – O risco é transformar a igreja numa fonte de renda, prosperidade, criar conexões com essa doutrina da prosperidade, ao invés de buscar mais a Deus do que o dinheiro.

Ziel Machado – Como escolher um livro com bom conteúdo?

RS – O ideal é falar com quem tem lido bastante. Mas, eu entendo que um livro com bom conteúdo é aquele que abre janelas para as Escrituras, que ajuda o leitor a compreender como viver a Bíblia dentro do contexto contemporâneo.

Ziel Machado – Qual a experiência da Igreja Brasileira que pode ser compartilhada com outras igrejas em outros países?

RS – Penso que isso acontecerá se a igreja continuar crescendo e sua ação desembocar na área de missões. O exemplo do Ronaldo Lidório tem tido uma influência muito importante mundialmente, pois, poucas missões têm líderes como Lidório. Certamente, o Brasil vai produzir mais líderes como este, e há ainda muitas outras coisas para se fazer.